



O corpo como elemento comunicativo nos grupos sociais informais.

Uma análise sobre os praticantes de jiu-jitsu.¹

Claudio Henrique Nunes de SENA²

Universidade de Fortaleza – UNIFOR

Resumo

Este artigo analisa o corpo e suas ações como elementos presentes e ativos para o processo comunicativo na interface dos grupos sociais informais. Foi tomado como objeto de estudo o caso do grupo formado pelos praticantes de jiu-jitsu, seus componentes, suas marcas e seus movimentos corporais. A análise foi realizada com base nos estudos e nas perspectivas apontadas pelo sociólogo David Le Breton. Trata-se de uma pesquisa posterior e continuada a partir da dissertação de mestrado do autor deste artigo já concluída, realizada também junto ao grupo social dos praticantes de jiu-jitsu.

Palavras-Chave: corpo; comunicação; grupos sociais; jiu-jitsu.

Introdução

“As ações que tecem a trama da vida cotidiana, das mais fúteis ou as menos concretas até aquelas que ocorrem na cena pública, envolvem a mediação da corporeidade.” (BRETON, 2010, pág. 7).

O indivíduo carrega consigo um inevitável tipo de comunicação inata, que ocorre apenas pelo fato de nos fazermos seres humanos integrantes de uma sociedade. É do corpo que são geradas ações comunicativas a partir de movimentos ou simplesmente pela falta deste, apenas pela observação e pela recepção do que está exposto na pele. O ato de perceber, de reagir aos movimentos corporais daqueles com os quais nos relacionamos ou ao que está sendo visto no corpo do outro, estabelece um ação comunicativa, mesmo que de modo não verbal.

¹ Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares de Comunicação do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem (Universidade Federal do Ceará), Mestre em Ciências da Comunicação (Universidade do Porto – Portugal), docente da Universidade de Fortaleza – UNIFOR e da Faculdade Católica do Ceará, e-mail: claudiohns@gmail.com



São esses gestos e marcas fatores que, além de terem a função comunicativa como característica e consequência, contribuem para inscrição, aceitação e participação efetiva de grupos sociais informais, funcionando como códigos e símbolos de pertencimento.

A pesquisa apresentada neste artigo pretende demonstrar de que modo as ações comunicativas são estabelecidas a partir do corpo. Para tanto, foi tomado como objeto de pesquisa o grupo social dos praticantes de jiu-jitsu. Esse grupo vem sendo foco de estudo pelo autor deste trabalho desde o ano de 2010, quando foi iniciada a pesquisa para a dissertação de mestrado, concluída em 2011, intitulada: *A representação das tribos urbanas pelo cinema ficcional – Uma análise da recepção do filme Red Belt pelo grupo de praticantes de jiu-jitsu*, já publicada e à disposição para consulta na biblioteca da Universidade do Porto, em Portugal.

A reafirmação do grupo social pelo corpo e pelas emoções

Os parâmetros que asseguram a inscrição a determinados grupos sociais podem ocorrer e serem identificados de modo sutil, por meio de expressões corporais e símbolos carregados no corpo. Compreende-se grupo como um ajuntamento de pessoas de modo informal, sem vínculos efetivos com instituições, que se reúnem a partir de um mesmo “fim comum” (COELHO, 1997: p. 194) ou um mesmo centro ordenador das relações. No caso do grupo dos praticantes de jiu-jitsu, o “centro ordenador” ou o “fim comum” trata-se da prática, dos códigos de conduta e dos símbolos relacionados à arte marcial jiu-jitsu.

Em muitos casos, esses ajuntamentos informais prescindem de ritos iniciais que condicionam a entrada de novos integrantes, bem como a manutenção destes. Mais importante que a entrada, aparenta ser a permanência. A estabilidade dos grupos se efetiva a partir da vivência constante, da dedicação dos seus componentes, da comprovada compreensão e aceitação dos códigos internos.

No grupo de praticantes de jiu-jitsu, o corpo, suas marcas e seus estigmas, além de movimentos e gestos, têm função fundamental e permanente para que esse agrupamento faça sentido como tal. Para David Le Breton:

“A simbólica corporal traduz a especificidade da relação com o mundo de certo grupo num vínculo singular e impalpável, mas eminentemente cogente, o qual apresenta



inúmeras nuances de acordo com as filiações sociais, culturais ou regionais”. (BRETON, 2009, pág. 41)

Cada cicatriz à mostra no corpo, a cada ritual de passagem a um grau mais elevado na hierarquia de habilidades dos atletas de jiu-jitsu, está associada a um sistema simbólico maior, que não é posto em xeque e que, na sua existência e reprodução, geram enraizamentos e vínculos internos.

Loic Wacquant (WACQUANT, 2005) aponta a necessidade de compreensão da relação *Body and Soul*, que se efetiva por meio de conexões carnis na esfera de grupos que têm no corpo um componente imprescindível para análise sociológica e que, conseqüentemente, gera processos comunicativos. É justamente na relação entre o corpo (material e visível) e a alma (variável, subjetiva e oculta) que se efetivam processos de comunicação.

Aos discutir as possibilidades de comunicação, o autor Rodrigo Vilalba aponta a perspectiva de Gilles Deleuze ao afirmar que o filósofo considera:

“Que o ponto central da comunicação não está nos limites das mentes e dos corpos dos sujeitos comunicadores, mas sim no meio, ou seja, no encontro dessas mentes e desses corpos, o que faz com que sua teoria não aceite a visão convencional do transmitir algo de um lugar para outro.” (VILALBA, 2006, pág. 58).

Nesta perspectiva, o modelo emissor-mensagem(código)-receptor, além de tomar o corpo como meio, deixa “sobras comunicativas” em meio ao terreno onde ocorre o processo comunicativo. Para captar e compreender esse aspecto, a atitude de ir ao campo é necessária, como sugerido por Wacquan no artigo “Carnal Connections: On Embodiment, Apprenticeship, and Membership³” e postura adotada pelo autor deste trabalho.

“Emissor ou receptor, o corpo produz sentido continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural.” (BRETON, 2010, pág. 8). É o que ocorre no caso dos praticantes de jiu-jitsu: uma produção de sentido a partir do corpo e das ações. Ao acompanhar os treinos da Equipe SAS, dirigida pelo mestre e professor Sazinho, foi possível perceber a intensidade da relação entre corpo, alma e as emoções, a partir de processos de comunicação, por vezes mais e por vezes menos evidentes aos olhos do pesquisador.

³ “Carnal Connections: On Embodiment, Apprenticeship, and Membership” publicado em *Qualitative Sociology*, Vol. 28, N° 4, Winter 2005.



O grupo analisado, sem dúvidas, preserva um conjunto de símbolos, atitudes e códigos de enraizamento que estabelecem a segurança aos seus integrantes e um facilmente perceptível sentimento de pertencimento, tendo o corpo como elemento-chave para sua compreensão. É por esse viés que se seguiu a pesquisa para esse trabalho: a análise do corpo e de suas manifestações como processo comunicativo fundamental à formação e à manutenção de um grupo social.

Inscrições corporais, marcas expostas que comunicam

As características físicas, sobretudo aquelas evidenciadas por marcas específicas, permitem a distinção e a diferenciação dos integrantes de um grupo social em relação aos demais grupos e indivíduos. “A marcação social e cultural do corpo pode se completar pela escrita direta do coletivo na pele do ator.” (BRETON, 2010, pág. 59).

No caso dos praticantes de jiu-jitsu, é possível perceber essas “inscrições corporais” (BRETON, 2010, pág. 69) pela observação, por exemplo, das “orelhas estouradas” ou “orelhas couve flor” (ver anexo 3). “Devido à fricção no tatame e no kimono ou provocadas por pancadas durante os treinos e competições, alguns praticantes de jiu-jitsu têm suas orelhas deformadas por hematomas na cartilagem e na pele.” (SENA, 2011).

A marca de deformidade na orelha, que pode gerar estranhamento aos de fora do grupo, converte-se em uma inscrição, um símbolo de filiação na percepção dos demais integrantes e na lógica interna destes. Trata-se de um fato que confirma a perspectiva apontada por David Le Breton: “Elas (as marcas corporais) integram simbolicamente o homem no interior da comunidade, do clã, separando-o dos homens de outras comunidades ou de outros clãs e ao mesmo tempo da natureza que o cerca” (BRETON, 2009, pág. 60).

É importante destacar que as orelhas estouradas não são fatores condicionantes para integração e aceitação ao grupo. O que se pode perceber foram casos frequentes dessa deformidade, mas não em sua totalidade no grupo analisado. O mesmo ocorre com o cabelo raspado ou curto, o pescoço de larga espessura, o corpo atlético e a presença de tatuagens (ver anexo 4). São características frequentemente observadas neste grupo social, porém não exigidas de modo inclusivo. O que de fato é tratado de



maneira decisiva e condicionante diz respeito ao vestuário. O kimono e a faixa⁴ amarrada à cintura são acessórios obrigatórios ao integrante no grupo no momento dos treinos.

A soma desses elementos e de todas essas características carregadas no corpo gera uma coesão interna, que faz sentido ao grupo e que, de certo modo, emana um poder simbólico não questionado, sendo esse “um poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sendo sujeitos ou mesmo que o exercem.” (BOURDIEU, 2007, p. 7-8).

As características físicas e as marcas não são questionadas, somente aceitas, além de determinarem a configuração do grupo. São, de fato, “inscrições corporais”, como afirma Breton.

Movimentos corporais, o corpo em ação na interface do grupo

“Um mundo imaginário se interpõe entre as mímicas e os movimentos do corpo, dando espessura à vida social e complementando a cena com significados próprios ao espectador. Os gestos, as mímicas, as posturas, os deslocamentos exprimem emoções, desempenham atos, acentuam ou nuançam um discurso, manifestando significações em permanência, para si e para os demais.” (BRETON, 2009, pag. 43).

Para Breton, é difícil a tentativa de dissociar os movimentos corporais das emoções. Os gestos, as mímicas, as interações via corpo são repletas de significados que vêm à tona constantemente. A ação cometida gera, conseqüentemente, uma interpretação de uma reação, sobretudo quando inseridas na lógica interna de um dos grupos sociais, como podemos perceber nos cumprimentos realizados pelos atletas de jiu-jitsu, em dois momentos observados: durante a entrada no tatame e antes dos combates (ver anexo 1 e 2).

Antes de colocar os pés na área de treino, os integrantes do grupo inclinam o tronco e repousam os braços ao longo do corpo, como se reverenciassem e demonstrassem respeito ao espaço, que deixa de ser somente físico e assume uma aura

⁴ No Jiu-Jitsu, assim como demais artes marciais, o praticante deve seguir uma hierarquia de graduação relacionada ao seu desenvolvimento na prática, de acordo com sua habilidade e domínio do esporte. Todos os praticantes devem utilizar a faixa de tecido na cintura por cima do quimono, traje oficial e obrigatório, em cores variadas, de acordo com o grau atribuído pelo mestre e professor. A ordem crescente das faixas de acordo com o grau: branca, amarela, laranja, verde, azul, roxa, marrom, preta, coral e vermelha. A graduação mais frequente entre mestres e professores é a faixa preta, já as faixas coral e vermelha são atribuídas em casos excepcionais, geralmente quando os praticantes atingem idade avançada, como sinal de respeito e reconhecimento devido à dedicação ao ensino do jiu-jitsu durante um longo período de tempo.



de importância e sacralidade. Trata-se de um gesto que marca a entrada em um determinado espaço-tempo com simbologia própria, distinto daquele fora do tatame.

O cumprimento aos demais integrantes do grupo é um comportamento frequente durante os treinos (ver anexo 3). Ao início e ao final do treino, sobretudo antes e depois dos combates, é comum o aperto de mão, mesmo que o “amigo” se converta em “adversário” em um determinado espaço-tempo, quando ambos lutam e tentam se sobressair em relação ao outro.

O cumprimento marca o “momento particular do encontro” (BRETON, 2009, pág. 88) a partir de um ritual manifesto e sela a cumplicidade e a relação amistosa entre ambas as partes que, por força das circunstâncias da luta, poderia ser posta em xeque. É uma manifestação da “etiqueta corporal” (BRETON, 2010, pág. 50), reforço da cordialidade e da integração entre os componentes de um mesmo grupo social. A reciprocidade e a retribuição ao gesto também é esperada por aquele que inicia o movimento, tal como o emissor da mensagem a partir do corpo aguarda a resposta do receptor.

O ritual que envolve o processo de passagem de faixa é mais um caso de uma sequência de movimentos e comportamentos carregados de simbolismo, que representa um dos momentos mais representativos para os integrantes do grupo social dos praticantes de jiu-jitsu. A passagem de faixa pode ser descrita como o momento em que o atleta “sobe” na hierarquia de graduação do jiu-jitsu, configurada nas cores da faixa, deixando de utilizar sua faixa atual e passando à categoria mais elevada. É precedida por um exame de faixa, quando o aluno deve demonstrar sua habilidade reproduzindo os golpes com o máximo de perfeição, demonstrando respeito e comprovando que assimilou e pôe em prática os ensinamentos de seu professor e mestre.

É um momento de retorno à tradição do jiu-jitsu, onde os símbolos são relembrados, uma maneira de reforçar a existência e a estabilidade presente do grupo e de confirmar o estabelecimento de laços emocionais e afetivos além do contato físico. “Uma gramática dos comportamentos indica aos atores a maneira conveniente de situar-se frente ao outro” (BRETON, 2009, pág. 53). A passagem de faixa é marcada pela seriedade, onde todos partilham de um sistema de códigos expresso pelos movimentos corporais.

Durante o período de treino, é possível perceber o respeito ao mestre, ao mesmo tempo professor, ou ao aluno graduado que recebe a autorização do mestre para condução das atividades. O silêncio, a seriedade e a atenção dos alunos no momento em



que o professor fala (ver anexo 5), a prática repetida dos golpes transmitidos, a obediência às orientações passadas durante os combates retratam pelo corpo esse respeito e reafirmam a hierarquia presente no grupo. A não aceitação dessa hierarquia pode gerar desconforto, pois, de certo modo, ocorre a quebra de um padrão de comportamento, a fuga da “gramática dos comportamentos” e das reações esperadas pelos demais integrantes do grupo.

O corpo e os movimentos corporais não ocorrem à toa. Na perspectiva do processo comunicativo, expressam fisicamente emoções de um sujeito comunicador, “compreendido como o ser humano considerado de modo integral, ou seja, o ser humano possuidor das seguintes dimensões organizacionais: corpo, intelecto e variadas possibilidades de atuação social, ações comunicativas incluídas.” (VILALBA, 2006, pág. 31).

A dimensão do corpo, ainda mais no caso de um grupo social que permeia suas relações pelo contato físico, apresenta-se como fator fundamental, sobretudo de modo integrado à fala, ao intelecto, ao vestuário, compondo uma teia de um sistema de símbolos que fazem sentido ao grupo.

“Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição da integração moral” (BOURDIEU, 2007, pág. 10).

É pelo corpo que os símbolos são carregados e exprimidos, que as significações são geradas e mantidas. Ao integrante do grupo dos praticantes de jiu-jitsu cabe a reprodução destes para possibilitar processos comunicativos dentro de um “campo social” (BOURDIEU, 2010).

Considerações finais

Compreender o corpo como componente do processo comunicativo é uma proposição fundamental para análise de grupos sociais informais. Os praticantes de jiu-jitsu efetivam seus laços físicos e, também, emocionais, frequentemente pela corporeidade. Como aponta Le Breton, “Antes de qualquer coisa, a existência é corporal.” (BRETON, 2010, pág. 7).



Para existir, pertencer, ser aceito, estabelecer-se e, de certo modo, “progredir” na interface de um grupo social, inevitavelmente, o elemento corpo deve ser considerado pelo sujeito comunicador e por todos os demais integrantes desses ajuntamentos.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2004.

LE BRETON, David. **As Paixões Ordinárias: Antropologia das Emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2006.

SENA, C. H. N. **A representação das tribos urbanas pelo cinema ficcional** – Uma análise da recepção do filme *Red Belt* pelo grupo de praticantes de jiu-jitsu. 2011. 104 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Porto, U. PORTO, Portugal, 2011.

VILALBA, Rodrigo. **Teoria da Comunicação. Conceitos básicos**. São Paulo: Ática, 2006.

WACQUA, Loïc. **Carnal connections: on embodiment, apprenticeship, and membership**. Qualitative Sociology, response to the Special issue on "Body and Soul," Winter: v. 28, n. 4, 2005.

Material eletrônico complementar

MEIA GUARDA - Site especializado em jiu-jitsu no Estado do Ceará. Disponível em: <<http://www.meiaguarda.com.br/>> Acesso em: 1 mar. 2012.

Sita da Confederação Brasileira de Jiu-jitsu. Disponível em: <<http://www.cbjj.com.br/home.htm>> Acesso em: 1 mar. 2012.

Site da revista Gracie Mag. Disponível em: <<http://www.graciemag.com>> Acesso em: 1 mar. 2012.



Anexo 1:



Ritual de cumprimento com inclinação da cabeça e saudação ao mestre realizado ao final do treinamento. Fotografias realizadas pelo autor deste trabalho.

Anexo 2:



Combates realizados durante os treinos. Fotografias realizadas pelo autor deste trabalho.



Anexo 3:



Orelhas “estouradas” ou “couve-flor”. Fotografias realizadas pelo autor deste trabalho.

Anexo 4:



Atleta da Equipe SAS. Fotografias realizadas pelo autor deste trabalho.



Anexo 5:



Professor com faixa preta passa instruções para os alunos durante o treinamento. Fotografias realizadas pelo autor deste trabalho.